

MARK TWAIN

OBRA DE REFERÊNCIA
Leitura
recomendada
7.º ano

AS AVENTURAS DE TOM SAWYER

Nova tradução de
João Reis



Introdução

Tom Sawyer é, mais de cem anos após a publicação original destas suas aventuras, uma personagem mundial que tem vindo a marcar sucessivas gerações. Lido por miúdos e graúdos, o romance *As Aventuras de Tom Sawyer* é tido por muitos como uma das maiores obras da literatura norte-americana, e o seu autor, Mark Twain, um dos seus maiores representantes, se não mesmo o seu fundador.

Mark Twain, pseudónimo de Samuel Langhorne Clemens, ter-se-á inspirado na povoação de Hannibal, no Missouri, onde viveu, para criar a ficcional St. Petersburg onde decorre a ação destas aventuras. Nesta aldeia fluvial, Tom Sawyer vive com a sua tia Polly, a prima Mary e o seu meio-irmão Sid; apaixonou-se por Becky Thatcher; inventa mil e uma brincadeiras com os seus amigos Joe Harper e Huckleberry Finn; persegue criminosos; faz gazeta; aborrece-se na catequese; descobre tesouros.

Mark Twain criou, com Tom Sawyer, uma personagem simultaneamente astuta e inocente, trapaceira, mas bondosa, que mantém, até hoje, o seu poder de sedução. Por que

motivo é que esta obra continua tão apelativa? A sua América pertence ao passado. O Mississípi perdeu a vastidão atravessada por barquinhos e é agora cruzado por navios de grande calado e pontes que encurtam a sua largura. Porém, a sua capacidade de satirizar os estranhos hábitos dos homens continua bem viva, e o louvor à liberdade e irreverência da infância é pleno de atualidade.

Não é, pois, de admirar o sucesso que mantém desde a sua publicação em 1876. Adaptado a séries de televisão, filmes de animação e peças de teatro, traduzido para inúmeras línguas, *As Aventuras de Tom Sawyer* é um livro essencial em todas as bibliotecas e raro é o leitor que não se recorda das tropelias de Tom e do seu desejo de ser pirata ou ladrão sem deixar de ser bom, ou de ser rico e, ainda assim, correr descalço e esfarrapado na companhia de Huckleberry. O cenário, rico em elementos naturais como rio, grutas e colinas, é de tal modo inspirador que terão certamente sido muitas as crianças a sonhar viver aventuras iguais, nas suas casas na cidade.

Apesar dos muitos anos que nos separam, podemos ler estas aventuras com todo o deleite e sem qualquer sensação de estranheza perante a mistura entre o discurso coloquial, a construção frásica de uma ironia subtil, o humor e a crítica social. Esta tradução vem aproximar os leitores contemporâneos deste grande clássico intemporal.

João Reis

Prefácio

Muitas das aventuras narradas neste livro são reais, e uma ou duas foram inclusive vividas por mim. As restantes viveram-nas rapazes meus colegas de escola. A personagem de Huck Finn foi inspirada numa pessoa real; a de Tom Sawyer também. Contudo, esta última não teve por base um indivíduo em específico e resulta, isso sim, de uma combinação de características de três rapazes que conheci: pertence, portanto, à ordem compósita da arquitetura.

As estranhas superstições relatadas no livro eram, todas elas, habituais entre as crianças e os escravos do Oeste no período de ação desta história, ou seja, há 30 ou 40 anos.

Embora o meu livro tenha como propósito principal entreter rapazes e raparigas, espero que não seja, por esse motivo, ignorado por homens e mulheres, pois parte das minhas intenções tem sido tentar lembrar aos adultos, de forma agradável, o que foram outrora, e de como se sentiram e pensaram e falaram, bem como as empreitadas peculiares em que, por vezes, se envolviam.

O Autor, Hartford, 1876

Capítulo I

— **T**OM!
Ninguém respondeu.
— TOM!

Silêncio.

— O que terá acontecido ao rapaz? Ó TOM!

Nem uma palavra.

A velhota puxou os óculos para baixo e observou o quarto olhando por cima das lentes. Depois, pô-los para cima e olhou por baixo das lentes. Raras vezes olhava *através* das lentes para procurar algo tão pequeno quanto um rapaz; eram os seus óculos de luxo, o seu orgulho, e usava-os por «estilo», não para ver — com eles postos, via tão bem quanto com dois discos de fogueira à frente da cara. Por um momento, pareceu perplexa. E disse imediatamente, sem muita ferocidade, mas alto o suficiente para que os móveis a ouvissem:

— Bem, garanto-te que, se te ponho as mãos em cima, vais...

Não terminou a frase, porque por essa altura já se agachara e dava vassouradas debaixo da cama. Precisava, portanto, do fôlego para marcar o ritmo entre as cacetadas. Só retirou de lá o gato.

— Nunca vi um rapaz tão desobediente!

Foi até à porta, que estava aberta, e olhou para fora: procurou-o entre os tomateiros e as figueiras-do-diabo da horta. Nem sinal de Tom. Então, elevou a voz, para que a ouvissem ao longe, e gritou:

— ÓÓÓ TOM!

Ouviu um ligeiro barulho atrás dela e virou-se precisamente a tempo de agarrar o rapaz pelas pregas do casaco e impedir que ele lhe fugisse.

— Ah, estás aí! Como é que me esqueci de procurar no armário? O que estavas ali a fazer?

— Nada.

— Nada?! Olha para as tuas mãos. Olha para a tua boca. Que porcaria é *essa*?

— Não sei, tia.

— Ah, mas sei eu. É compota, é o que é! Já te disse umas 40 vezes que, se não deixasses de mexer na compota, te arrancava a pele. Dá-me cá essa vara!

A vara cortou o ar, o perigo aproximava-se...

— Minha nossa! Olhe para trás de si, tia.

A senhora deu meia-volta e, puxando-as para cima, tirou as saias de perigo. Nesse instante, o rapaz fugiu, saltou por cima da cerca alta de madeira e desapareceu.

A tia Polly ficou, por um momento, surpreendida e desatou a rir.

— Raios partam o rapaz! Porque é que eu não aprendo? Já me pregou partidas que cheguem para estar atenta. Mas os tolos velhos são os mais tolos que há. Burro velho não aprende línguas, já diz o ditado. Mas, santo Deus, se ele

não prega a mesma partida duas vezes, como posso adivinhar o que vai acontecer? O miúdo parece que sabe quanto tempo me pode consumir a cabeça até me zangar a sério, e já percebeu que, quando consegue distrair-me por um minuto ou fazer-me rir, não sou capaz de lhe pousar a mão! Deus sabe que não tenho cumprido o meu dever para com este rapaz, verdade seja dita. «Não uses a vara e estragas o filho», como diz a Bíblia. Ando a acumular pecados e sofrimento para ambos, bem sei. Ele tem o diabo no corpo, mas, valha-me o Santíssimo, o pobrezinho é filho da minha falecida irmã e não sou capaz de o açoitar com força. Depois, sempre que o deixo escapar, pesa-me a consciência e, se lhe bato, parte-me o coração. Diz a Bíblia que «o homem nascido da mulher tem poucos dias e já é uma carga de trabalhos», e eu concordo! Ele vai faltar à escola esta tarde e amanhã terei de o obrigar a trabalhar, como castigo. Não é bonito fazê-lo trabalhar aos sábados, quando todos os rapazes andam a brincar, e não há coisa que ele deteste mais do que o trabalho, mas *tenho* de cumprir o meu dever para com ele, ou acabo por levá-lo à desgraça.

Tom fez gazeta e divertiu-se bastante. Voltou a casa quando era quase tarde demais para ajudar Jim, o mulatinho, a serrear a lenha para o dia seguinte e a rachar os cavacos antes do jantar. Chegou, pelo menos, a tempo de contar as suas aventuras a Jim, enquanto este fazia três quartos do trabalho. Sid, o irmão mais novo de Tom — ou melhor, o meio-irmão de Tom —, tinha já terminado o que lhe cabia fazer, que consistia em juntar os cavacos, porque Sid era um rapaz sossegado que não se metia em alhadas nem era levado da breca.

Enquanto Tom jantava e, sempre que podia, roubava torções de açúcar, a tia Polly fez-lhe diversas perguntas cheias de astúcia e intencionalidade, porque queria levá-lo a descair-se e a contar o que não queria contar. Como muitas outras almas simples, a sua maior vaidade era a de se julgar dotada de um talento especial para essa diplomacia sinistra e misteriosa, e deliciava-a considerar os seus ardis mais transparentes obras-primas da astúcia. Perguntou:

— Tom, hoje fez bastante calor na escola, não fez?

— Sim, senhora.

— Muito calor, não foi?

— Sim, tia.

— Não te apeteceu ir nadar, Tom?

Tom sentiu-se tomado por um pequeno receio, uma suspeita desconfortável. Olhou para o rosto da tia Polly, mas não notou nada de invulgar. Assim sendo, respondeu:

— Não, senhora... Bem, nem por isso.

A velhota estendeu a mão, apalpou a camisa de Tom e comentou:

— Mesmo assim, não estás transpirado.

Orgulhava-a a ideia de ter descoberto que a camisa estava seca sem que se apercebessem de qual a sua intenção. Ainda assim, Tom viu logo para onde soprava o vento e preparou-se para o próximo ataque.

— Alguns de nós puseram a cabeça debaixo da bomba de água e a minha ainda está húmida. Está a ver?

A tia Polly irritou-se ao aperceber-se de que desvalorizara aquela prova circunstancial. Mas teve logo nova inspiração.

— Não tiveste de desapertar o colarinho no sítio em que o cosí para meter a cabeça debaixo da bomba, Tom? Ora desabotoa o casaco, se faz favor!

O rosto de Tom perdeu todos os vestígios de preocupação. Abriu o casaco. O colarinho estava impecavelmente cosido.

— Que chatice! Pira-te daqui... Era capaz de jurar que tinhas feito gazeta para ires nadar. Mas eu perdoo-te, Tom. Admito que és melhor do que pareces. *Desta vez.*

Ficou triste ao constatar que a sua sagacidade não lhe trouxera qualquer proveito, porém, ao mesmo tempo, sentiu-se um pouco contente, porque Tom tinha sido obediente pelo menos uma vez.

Contudo, Sidney disse:

— Oh, pensava que a tia lhe tinha cosido o colarinho com linha branca, mas afinal foi com preta.

— Mas eu cosí-a com linha branca! Tom!

Porém, Tom não esperou pelo resto. Quando ia a sair pela porta, disse:

— Vais levar uma porrada valente por causa disto, Siddy.

Quando se encontrou em lugar seguro, Tom examinou duas grandes agulhas com linha enrolada à sua volta que pregara à lapela do casaco. Uma agulha tinha linha branca e a outra preta. Disse o seguinte:

— Ela nunca teria dado por isto se não fosse o Sid. Bolas! Às vezes, cose-me o colarinho com branco, outras vezes com preto. Quem me dera que escolhesse uma ou outra, porque assim não lhe acompanho as voltas. Mas é certo que o Sid vai levar uma tarefa por conta disto. Vou ensiná-lo a ter educação!

Ele não era o rapaz-modelo da aldeia. No entanto, sabia perfeitamente quem o era. E detestava-o.

Passados dois minutos, ou talvez menos, esquecera-se já de todas estas preocupações. Não porque os seus problemas lhe fossem menos sérios e amargos do que os de um homem são para o homem, mas porque algo novo lhe despertou o interesse e lhas afastou momentaneamente da mente, tal qual as desgraças dos homens passam para segundo plano perante a excitação de novos empreendimentos. O novo interesse consistia numa curiosa técnica de assobio que lhe fora ensinada por um negro. Estava ansioso por praticá-la em sossego. A referida técnica permitia-lhe imitar o canto dos pássaros numa espécie de gorjeio líquido, concretizado ao tocar com a língua no céu da boca em pequenos intervalos enquanto se assobiava. Se o leitor já foi rapaz, lembra-se, provavelmente, desta técnica. Com esforço e atenção, apanhou-lhe rapidamente o jeito e foi andando rua abaixo, com a boca cheia de sons harmoniosos e a alma repleta de gratidão. Sentiu-se como um astrónomo que acabasse de descobrir um novo planeta. Porém, o deleite do rapaz era decerto muito mais intenso, profundo e puro do que o do astrónomo.

Os dias de verão eram muito longos. Ainda não escurecera. Pouco tempo depois, Tom baixou a intensidade do seu assobio. Deparou-se com um desconhecido, um rapaz pouco mais alto do que ele. Qualquer recém-chegado, fosse qual fosse a sua idade ou sexo, originava de imediato uma certa curiosidade na pequena aldeia de St. Petersburg. Além disso, aquele rapaz estava bem vestido — bem vestido num dia de semana —, o que era absolutamente espantoso. O seu

boné era elegante, e o casaco, de tecido azul e todo abotoado, novo e de bom corte, assim como as calças. Usava sapatos, apesar de ser só sexta-feira. Até trazia gravata, feita de um pedaço de fita colorida. Tinha um ar citadino que irritou Tom. Quanto mais olhava para aquele esplendor, mais Tom revirava o nariz a tanto luxo e mais pobre lhe pareciam as suas próprias roupas. Nenhum deles abriu boca. Se um se mexia, o outro também se mexia, mas sempre para o lado, em círculo. Frente a frente, entreolhavam-se. Por fim, Tom disse:

— Se eu quiser, dou-te uma tarefa!

— Até gostava de ver isso.

— Hum, olha que dou.

— Não dás nada.

— Dou, sim.

— Não dás.

— Dou.

— Não consegues.

— Consigo!

— Não consegues!

Após uma pausa desagradável, Tom perguntou:

— Como te chamas?

— Não é da tua conta.

— Oh, se eu quiser, passa a ser da *minha* conta.

— Ah, é? Então porque é que não fazes com que seja?

— Se disseres mais alguma coisa, faço mesmo.

— Mais alguma coisa... Mais alguma coisa... Mais alguma coisa. Aí tens.

— Julgas-te muito esperto, não *julgas*? Se me apetecer, bato-te até com uma mão atrás das costas.

- Porque não o *fazes*, se *dizes* que és capaz?
- E *vou fazê-lo*, se te meteres comigo.
- Oh, sim, já vi famílias inteiras na mesma aflição.
- Espertalhão! Julgas-te o maior, não julgas? Olha só para esse chapéu!
- Podes amolgá-lo, se não gostas dele. Desafio-te a deitá-lo ao chão. Quem quer que se atreva leva no focinho.
- Mentiroso!
- Tu é que és mentiroso.
- Não sabes lutar, só tens bazófia e fogos de medo...
- Oh... Vai dar uma curva!
- Se continuares a aborrecer-me com esse palavreado, atiro-te uma pedra à cabeça.
- Ah! É *claro* que atiras.
- Atiro mesmo.
- Então porque é que não atiras? Porque estás há que tempos a ameaçar-me e não fazes nada? É porque tens medo.
- *Não* tenho medo!
- Tens.
- Não tenho.
- Tens.
- Outra pausa durante a qual continuaram a fitar-se e a olhar em seu redor. Pouco depois, estavam lado a lado e Tom disse:
- Desanda daqui!
- Desanda tu!
- Não desando nada.
- Eu também não.
- Ali permaneceram, a curta distância um do outro, e empurraram-se com força enquanto trocavam olhares

furiosos. Nenhum cedeu e, depois de lutarem até ficarem ambos transpirados e afogueados, soltaram-se cautelosamente, sempre com um olho no adversário. Tom disse:

— És um covarde e um fracote. Vou queixar-me de ti ao meu irmão mais velho. Ele pode esmagar-te com o dedo mindinho e vou pedir-lhe para o fazer.

— Que me importa o teu irmão? Tenho um irmão maior do que ele e, além disso, ele pode atirá-lo por cima daquela cerca. (Ambos os irmãos eram imaginários.)

— É mentira.

— Isso dizes tu.

Tom fez um risco no chão com o dedo grande do pé e disse:

— Desafio-te a dar um passo para cá da linha. Dou-te uma sova que nem te agentas em pé. Qualquer pessoa que se atreva leva nas trombas!

O recém-chegado passou prontamente por cima do risco e respondeu:

— Disseste que me ias bater, agora quero ver se o fazes.

— Não te aproximes, estou a avisar-te.

— *Disseste* que me batias: porque não bates?

— C'um caraças! Bato-te em troca de dois centavos.

Então, o desconhecido tirou duas moedas de cobre do bolso e ofereceu-as desdenhosamente ao outro. Tom atirou-as ao chão. Os rapazes começaram imediatamente a rebolar e a espernear na terra batida, engalfinhados como gatos. Durante cerca de um minuto, puxaram e torceram o cabelo e as roupas um do outro, esmurraram e arranharam os narizes e cobriram-se de poeira e glória. Pouco depois, a luta entrou numa nova fase e, no fervor do combate, Tom

acabou escarranchado em cima do outro enquanto o socava de punhos cerrados.

— Toma! Diz se já chega! — disse ele.

O rapaz tentava apenas libertar-se. Chorava, principalmente de raiva.

— Diz se já chega! — e a pancadaria continuou.

Por fim, o desconhecido proferiu um «chega» abafado e Tom largou-o e disse:

— Isto é para aprenderes. Da próxima vez, vê primeiro com quem te metes.

O desconhecido afastou-se e, entre soluços, sacudiu o pó do fato. Olhava de vez em quando para trás, abanava a cabeça e ameaçava Tom do que lhe faria «da próxima vez que o apanhasse a jeito». Tom respondeu-lhe com gracejos e seguiu o seu caminho muito contente, mas, mal se virou, o desconhecido pegou numa pedra e atirou-lha, acertando-lhe com ela no meio das costas. Em seguida, deitou a correr como um antílope. Tom perseguiu o traidor até casa e ficou a saber onde morava. Permaneceu algum tempo junto ao portão, desafiando-o a sair, contudo, o inimigo fez-lhe apenas algumas caretas através da vidraça da janela e desapareceu. Por fim, chegou a mãe do desconhecido, que apelidou Tom de rapaz malvado, cruel e ordinário e mandou-o ir-se embora. Ele assim fez, porém, disse de si para consigo que se vingaria do rapaz.

Chegou a casa tarde nessa noite e, ao entrar cautelosamente pela janela, deparou-se com uma emboscada montada pela sua querida tia, que o esperava. Ao ver o estado em que ele trazia as roupas, a sua decisão de o manter cativo e obrigar a trabalhar na tarde de sábado tornou-se perentória.

Capítulo II

Chegou a manhã de sábado e o mundo — que recebera o verão de braços abertos — apresentou-se fresco, brilhante e cheio de vida. A música invadira todos os corações. Cada um deles tinha a sua canção, e quando o coração era jovem, a cantiga aflorava aos lábios. A alegria estava estampada nos rostos e sentia-se a primavera a cada passo. As alfarrobeiras estavam em flor e a sua fragrância enchia o ar. A colina de Cardiff, sobranceira à aldeia, estava coberta de vegetação e situava-se à distância necessária para aparentar ser uma Terra Prometida, convidativa, repleta de sonhos e tranquilidade.

Tom apareceu no passeio com um balde de cal e um pincel de cabo comprido nas mãos. Observou a vedação do quintal e perdeu toda a jovialidade; na verdade, foi tomado por uma profunda melancolia. Vinte e sete metros de uma cerca larga com quase três metros de altura. A vida pareceu-lhe vazia de sentido, e a existência, não mais do que um fardo. Suspirou, mergulhou o pincel na cal e depois passou-o ao longo da tábua mais alta. Repetiu a operação uma e outra vez. Por fim, comparou a pequena tira caiada com a enorme

superfície de madeira por cair e, desanimado, sentou-se no tronco de uma árvore. Jim apareceu no portão aos pulos e com um balde de estanho, ao mesmo tempo que cantava a *Buffalo Gals*. Acarretar água desde a bomba na aldeia tinha, até então, sido aos seus olhos um trabalho detestável, mas Tom mudou subitamente de opinião. Lembrou-se de que havia sempre companhia junto à bomba de água. Rapazes e raparigas, brancos, mulatos e negros aguardavam a sua vez, descansavam, trocavam brinquedos, discutiam, andavam à bulha e brincavam. E recordou-se também de que, embora a bomba ficasse a apenas 140 metros de distância, Jim nunca regressava com um balde cheio de água em menos de uma hora — e, ainda assim, tinham amiúde de o procurar. Tom disse:

— Olha, Jim, vou buscar a água se ficares aqui um bocado a caiar.

Jim abanou a cabeça e respondeu:

— Nã' posso, menino Tom. Senhora velha a'diz qu'eu tê' de ir buscar est'água e que nã' p'rar a brincar com ninguém. Ela diz calcular que menino Tom pedia mim p'ra caiar e dizer que eu ir fazer meu trabalho. Ela a'toma conta da caiação.

— Oh, não te importes com o que ela diz. Isso é a maneira de ela falar. Dá-me o balde, que eu vou e só demoro um minuto. Ela nunca vai descobrir.

— Nã' poder, menino Tom. Senhora velha dizer qu'a'corta minha cabeça. E a'corta me'mo.

— Treta! Ela não bate em ninguém, quando muito dá-nos com o dedal na cabeça, e quem quer saber disso? Nem se

sente. Diz coisas horríveis, mas o que ela diz não magoa, pelo menos quando não grita. Dou-te uma coisa maravilhosa. Dou-te um berlinde abafador!

Jim hesitou.

— Um berlinde abafador, Jim! E é bem grande e bonito.

— Meu Deus! Isso é a'uma coisa mar'vilhosa, ah, pois! Mas, menino Tom, Jim te' medo d'senhora velha.

— Olha, mostro-te também o meu dedo do pé pisado.

Jim era, no fim de contas, um simples ser humano e esta tentativa foi demasiado forte para si. Pousou o balde no chão, pegou no berlinde e, cheio de interesse, curvou-se sobre o dedo afetado enquanto o outro tirava a ligadura. Contudo, pouco depois, correu pela rua abaixo com o balde na mão e o traseiro em brasa. Tom recomeçara a cair a cerca com renovado vigor e a tia Polly retirou-se do campo de batalha com uma pantufa na mão e um olhar triunfante.

O entusiasmo de Tom foi de pouca dura. Começou a pensar na diversão que planeara para aquele dia e as suas mágoas multiplicaram-se. Em breve, passariam por ali rapazes em liberdade, entretidos com todo o género de expedições divertidas, e troçariam dele por ter de trabalhar. Ao pensar nisso, enfureceu-se. Tirou do bolso toda a sua fortuna e examinou-a. Era composta por partes de brinquedos, berlindes e lixo: talvez o suficiente para comprar uma troca de trabalho, mas nem sequer metade do necessário para comprar meia hora de liberdade. Tornou, pois, a guardar os seus escassos bens no bolso e pôs de parte a ideia de tentar comprar os rapazes. Contudo, nesse momento de tristeza e desespero, teve uma inspiração. E que grande e magnífica inspiração.

Pegou no pincel e pôs-se a trabalhar com toda a tranquilidade. Pouco depois, apareceu-lhe Ben Rogers, precisamente o rapaz cuja troça mais temia. Ben surgiu aos pulos e saltinhos, prova da sua alegria e das grandes expectativas que guardara para o dia. Estava a comer uma maçã e, de vez em quando, soltava um grito melodioso seguido de um dingue-dongue-dongue, dingue-dongue-dongue, através do qual personificava um barco a vapor. Ao abeirar-se de Tom, abrandou a marcha, caminhou pelo meio da rua, desviou-se para estibordo e deu uma volta rebuscada com pompa e circunstância, pois representava o navio *Big Missouri* e pensava, assim, deslocar três metros de água. Era, ao mesmo tempo, barco, capitão e sineta, por isso, tinha de se imaginar no convés alto a dar ordens e executá-las:

— Pare o navio, senhor! Tlim-tlim-tlingue!

Encaminhou-se lentamente para o passeio, como se a rota do navio estivesse prestes a terminar.

— Recuem! Tlim-tlim-tlingue! — endireitou os braços e esticou-os em ambos os lados do corpo. — Recuem para estibordo! Tlim-tlim-tlingue! Chaum! Tchou-tch-tchaum! Chaum!

Enquanto isso, descrevia com a mão direita grandes círculos, que faziam de pá de 12 metros.

— Façam-no recuar para bombordo! Tlim-tlim-tlingue! Chaum! Tch-tchou-tchaum! — começou a formar círculos com a mão esquerda.

— Parem a estibordo! Tlim-tlim-tlingue! Parem a bombordo! Avancem para estibordo! Parem! Deixem virar devagar! Tlim-tlim! Tlingue! Tchou-tch-tch! Cuidado com a corda

de amarração! Depressa, agora! Venham — com o cabo de reboque —, o que estão aí a fazer? Atem uma corda a esse tronco! Encostem agora e deixem seguir. Pararam as máquinas, capitão! Tlim-tlim-tingue! Ch't! Ch't! Ch't! (Este barulho era o das caldeiras.)

Tom continuou a cair sem fazer caso do barco a vapor. Ben fitou-o durante algum tempo e depois disse:

— Eia! 'Tás metido numa alhada, não 'tás?

Não obteve resposta.

Tom olhou para as últimas pinceladas que dera com um olhar de artista, pegou de novo no pincel e deu outro retoque à pintura, tornando em seguida a observar o trabalho como antes. Ben pôs-se ao seu lado e Tom sentiu crescer-lhe água na boca só de olhar para a maçã, mas não parou de trabalhar. Ben perguntou:

— Olá, amigo. Então, tens de trabalhar, hã?

Tom virou-se rapidamente.

— Ah! És tu, Ben! Nem tinha reparado que estavas aí.

— Olha, vou nadar. Não gostavas de ir? Mas é claro que preferes *trabalhar*, não é? É claro que é, pois é.

Tom olhou-o por momentos e, por fim, perguntou-lhe:

— O que queres dizer com trabalhar?

— Bem, *isso* aí não é trabalhar?

Tom continuou a cair e respondeu num tom des preocupado:

— Talvez seja, talvez não seja. Só sei que agrada aqui ao Tom Sawyer!

— Oh, não queres mesmo que acredite que *gostas* disso. O pincel não parou de se mexer.

— Se gosto disto? Não vejo por que não haveria de gostar. Até parece que um rapaz como nós tem a oportunidade de pintar uma cerca destas todos os dias.

Com esta resposta, o caso mudava de figura. Ben parou de mastigar. Tom pintava delicadamente: arrastava o pincel de um lado para o outro, recuava um pouco para ver o efeito, dava retoques aqui e acolá, verificava de novo o trabalho. Ben olhava para tudo aquilo e sentia-se cada vez mais interessado e absorto. Pouco depois, disse:

— Tom, deixa-me cair um bocadinho.

Tom ponderou por um instante e quase o consentiu, mas mudou logo de ideias.

— Não, nem pensar! Não pode ser, Ben. Sabes, a tia Polly é muito exigente com esta cerca, que está diretamente virada para a rua, mas se fosse do lado de trás, não me importava, e *ela* também não. Mas ela é muito exigente com esta cerca. O trabalho tem de ser feito com muito cuidado. Eu acho que em mil rapazes, talvez até em dois mil, não há um que consiga fazer da maneira que deve ser feita.

— A sério? Oh, vá lá, deixa-me experimentar! Só um bocadinho! Se fosse eu, deixava-te cair.

— Ben, eu também gostava de te deixar, juro, mas a tia Polly... Olha, o Jim quis cair e ela não deixou. O Sid também quis e ela não deixou. Já vês em que situação me deixavas. Se tu caiasses isto e acontecesse alguma coisa...

— Oh, tolices. Eu tenho tanto cuidado como tu. Deixa-me experimentar! Olha, dou-te o carço da minha maçã.

— Pois, sim... Não, Ben, não pode ser. Tenho medo...

— Dou-te *toda* a maçã que me sobra.

Tom largou o pincel com aparente relutância, mas, na verdade, pleno de alegria. E, enquanto aquele que pouco antes personificava o *Big Missouri* trabalhava e suava ao sol, o artista reformado sentou-se num barril à sombra, a abanar as pernas, a mastigar a maçã e a planejar o sacrifício de outros inocentes. Não havia falta de material, porque os rapazes passavam constantemente por ali. Vinham para trocar dele, mas acabavam a cair. Quando Ben ficou estafado, Tom aproveitou a ocasião para contratar Billy Fisher, que lhe deu um papagaio de papel em bom estado. Assim que este se mostrou farto do serviço, Johnny Miller ofereceu-lhe um rato morto com uma corda atada ao rabo, em troca de poder cair — e assim continuou o negócio, hora após hora. A meio da tarde, Tom deixara de ser o pobre que era de manhã e nadava em riquezas. Além dos artigos já mencionados, obtivera 12 berlindes, parte de um berimbau, um pedaço de vidro de uma garrafa azul para servir de lente, um carretel, uma chave que não abria nada, um pedaço de giz, a rolha de vidro de um frasco, um soldado de chumbo, um par de girinos, seis foguetes, um gatinho zarolho, uma maçaneta de latão, uma coleira de cão — sem cão —, o cabo de uma faca, quatro bocados de casca de laranja e um velho fragmento de caixilho de janela já estragado.

Passara algum tempo agradável a preguiçar, sempre acompanhado, e a cerca levava três demãos de cal! Não tivesse acabado a cal e conseguiria arrastar todos os rapazes da aldeia para a bancarrota.

Tom disse de si para consigo que já não achava o mundo tão vazio de sentido. Descobrira, sem o saber, uma grande

lei que rege a humanidade, e que consiste no seguinte: para se conseguir que um homem ou um rapaz cobice uma coisa, basta tornar essa coisa difícil de obter. Se ele fosse um grande filósofo, como o autor deste livro, teria compreendido então que o Trabalho consiste em tudo aquilo que se é *obrigado* a fazer, e que o Prazer consiste naquilo que não se é obrigado a fazer. Este raciocínio tê-lo-ia ajudado a entender por que se chama trabalho aos trabalhos forçados e a compor flores artificiais, enquanto jogar à malha ou escalar o Monte Branco não passam de divertimentos. Há em Inglaterra senhores muito ricos capazes de conduzir 40 ou 50 quilómetros sofridos em carruagens puxadas por quatro cavalos todos os dias do verão, porque tal privilégio lhes custa uma pipa de massa. No entanto, recusar-se-iam a fazê-lo se lhes oferecessem um ordenado, pois isso passaria então a ser considerado trabalho.

Após cogitar a mudança considerável das suas circunstâncias mundanas, o rapaz pôs-se a caminho do seu quartel-general a fim de escrever um relatório.

Capítulo III

Tom surgiu diante da tia Polly, que estava sentada perto de uma janela aberta nas traseiras da casa, numa divisão agradável que fazia as vezes de quarto, sala de jantar e biblioteca. O ameno ar estival, o silêncio calmo, a fragrância das flores e o zumbido sonolento das abelhas tinham surtido efeito: a velhota cabeceava sobre o seu trabalho de malha sem outra companhia além do gato, que lhe adormecera no regaço. Pusera os óculos na sua cabeça grisalha, para que não caíssem. Ocorrera-lhe, claro, que Tom se devia ter posto a andar havia muito tempo, portanto, ficou deveras surpreendida ao vê-lo, defronte de si, pôr-se de novo em perigo de forma tão intrépida. Ele disse:

- Já posso ir brincar, tia?
- O quê, já ‘tá pronto? Até onde caiaste?
- Está tudo caiado, tia.
- Não mintas, Tom. Bem sabes que não o suporte.
- É verdade, tia, *está* tudo pronto.

A tia Polly pouco confiou nestas palavras. Saiu para ver com os seus próprios olhos se eram verdadeiras, e dar-se-ia por contente se 20 por cento do que Tom dizia fosse verdade.

Quando chegou e viu toda a cerca caiada e, não só caiada como inclusive coberta com várias demãos bem assentes, ademais de uma faixa pintada no chão, o seu espanto foi quase indescrevível. Ela disse:

— Bem, nunca imaginei que fosse possível! Não há como negar que trabalhas bem quando te apetece, Tom. — Porém, aligeirou sem demora o elogio ao acrescentar: — Mas há que confessar que é muito raro que te apeteça. Agora vai brincar, mas toma cuidado e vem cedo, ou apanhas uma sova.

Estava tão maravilhada com o feito esplêndido do rapaz, que o levou até ao armário. Aí, deu-lhe uma bela maçã e um sermão improvisado acerca do valor e do gosto mais acentuados de uma doçura ganha à custa de um esforço virtuoso. Enquanto ela terminava o discurso com uma citação das Sagradas Escrituras, ele surripiou uma rosca.

Em seguida, escapuliu-se e viu Sid nos primeiros degraus da escada que conduzia aos quartos traseiros do primeiro andar. Por ali não escasseava a terra e, num abrir e fechar de olhos, os torrões encheram o ar. Rodearam Sid como uma tempestade de granizo e, antes de a tia Polly se recompor da surpresa e correr a separá-los, seis ou sete torrões acertaram em cheio no seu alvo e Tom pulou por cima da cerca e desapareceu. Havia um portão, claro, mas tinha habitualmente demasiada pressa para o utilizar. A alma de Tom apaziguou-se após acertar contas com Sid por este ter chamado a atenção da tia para a linha preta, pondo-o assim numa alhada.

Tom caminhou junto às casas e depois virou para uma ruela enlameada que dava para as traseiras do estábulo onde a tia guardava a vaca. Rapidamente ficou a salvo, pois

ali já não o apanhariam para o castigar, e correu até ao largo da aldeia, onde duas companhias «militares» de rapazes se haviam encontrado, de acordo com uma combinação prévia, para um combate. Tom era general de um dos exércitos e Joe Harper (seu amigo do peito), general do outro. Estes dois grandes comandantes não se rebaixavam ao combater pessoalmente — isso adequava-se ao peixe miúdo —, mas ambos, sentados numa elevação do terreno, dirigiam as operações por meio de ordens transmitidas aos seus ajudantes de campo. O exército de Tom saiu vitorioso após um combate longo e renhido. No fim, contaram-se as baixas, trocaram-se prisioneiros, acordaram-se os termos da próxima discórdia e marcou-se o dia da batalha. Em seguida, os dois exércitos puseram-se em formatura e afastaram-se em marcha. Tom regressou a casa sozinho.

Ao passar pela casa onde morava Jeff Thatcher, viu no jardim uma menina desconhecida, uma criatura maravilhosa de lindos olhos azuis e cabelo loiro apanhado em duas tranças compridas, com um vestido branco e *pantalettes*¹ bordadas. O herói recém-coroadado tombou vencido sem que se disparasse uma só bala. Uma certa Amy Lawrence desapareceu do seu coração sem deixar o mais pequeno rasto. Pensara amá-la até à loucura, crera que a sua paixão era uma espécie de idolatria, e agora via que não passara de uma miserável inclinação passageira. Demorara meses a conquistá-la e, quando, uma semana antes, ela capitulara e se decidira

¹ *Pantalettes* era uma peça de roupa comum na época que consistia numas calças compridas, apertadas nos tornozelos, usadas sob a saia.

a aceitá-lo, julgara-se o rapaz mais feliz e orgulhoso do mundo. Acontecera isto há uns escassos sete dias e, num mero instante, ela deixou de fazer parte da sua vida, como uma estranha cuja visita chegara ao fim.

Idolatrrou de soslaio o novo anjo, até que se viu descoberto. Então, fingiu ignorar a sua presença e começou a exhibir-se com toda a espécie de «macaquices» para conquistar a sua admiração. Realizou este espetáculo grotesco durante algum tempo, mas, a meio de um perigoso exercício de ginástica, lançou-lhe um olhar furtivo e viu que a menina se estava a dirigir para casa. Aproximou-se da cerca e a ela se encostou tristíssimo, com a esperança de que a sua amada ressurgisse no jardim. A menina deteve-se na escada e depois encaminhou-se para a porta. Quando a viu já na entrada, Tom suspirou. Em seguida, o seu rosto iluminou-se porque, antes de entrar, a menina atirou-lhe um amor-perfeito.

Tom retrocedeu e parou a um ou dois pés de distância da flor. Protegeu os olhos do sol com a mão e começou a observar a rua, como se ali se passasse alguma coisa de grande interesse. Em seguida, apanhou uma palhinha e, com a cabeça inclinada para trás, tentou equilibrá-la sobre o nariz. Ao ziguezaguear no exercício de equilibrismo, foi-se aproximando do amor-perfeito até finalmente lhe tocar com o pé descalço. Dobrou os dedos do pé, apanhou a flor e afastou-se aos pulos, até desaparecer por completo ao virar da esquina. Aí, demorou-se apenas alguns minutos, o tempo necessário para guardar a flor no casaco, junto do coração ou talvez do estômago, porque não era especialista em anatomia nem decerto muito rigoroso e exigente.

Depois, regressou à casa da sua nova amada e por ali cirandou até anoitecer. «Exibindo-se» como antes. A menina não tornou a aparecer, todavia. Tom reconfortou-se com a esperança de que talvez estivesse a uma janela e que as suas palhaçadas não lhe passassem despercebidas. Por fim, dirigiu-se, com relutância, para casa com a sua pobre cabeça cheia de visões.

Mostrou-se tão alegre durante todo o jantar, que a tia se pôs a pensar no «que teria o rapazola». Ouviu um grande sermão por ter batido em Sid, porém, não se importou muito com o caso. Tentou inclusive roubar açúcar mesmo à vista da tia, motivo pelo qual levou uma chapada nos dedos.

— Tia, não bate ao Sid quando ele rouba açúcar. Não é justo.

— Bem, o Sid não atormenta as pessoas, ao contrário de ti. Se não te vigiasse, não fazias outra coisa que não meter a mão no açúcar.

Pouco depois, a tia Polly teve de ir à cozinha, e Sid, satisfeito com a sua imunidade, estendeu a mão ao açucareiro, lançando a Tom um insuportável olhar de triunfo. Mas o açucareiro escorregou-lhe da mão, caiu e partiu-se. Tom ficou extasiado. Tão extasiado, que conseguiu controlar a língua e manter-se em silêncio. Prometeu a si próprio ficar quieto e calado, mesmo quando a tia reentrasse na sala. Abriria a boca somente quando ela perguntasse quem estragara o açucareiro, e nada no mundo se equipararia a ver o menino-modelo «apanhar». Exultante, manteve-se calado a muito custo quando a velhota regressou e fitou os cacos do açucareiro. Soltou faíscas de raiva pelos óculos. Tom disse de si para

consigo: «Agora é que vai ser!». Mas, logo em seguida, deu por si estendido no chão! A tia levantava o braço forte para o golpear de novo quando Tom gritou:

— Pare, espere lá! Porque é que *me* vai bater? Foi o Sid quem partiu o açucareiro.

Perplexa, a tia interrompeu a sova e Tom esperou que se comovesse ao vê-lo, inocente, naquele estado, mas ela retorquiu:

— Bem, só se perdem as que caem ao chão, porque tenho a certeza de que fizeste mais alguma asneira enquanto estive ausente.

Então, ela sentiu-se remoer pela consciência e quis dizer algumas palavras carinhosas e amáveis ao sobrinho, mas, julgando que isso equivalia a confessar a sua falta de razão, achou tal pretensão contrária às boas normas da disciplina. Assim sendo, calou-se e foi tratar da vida com um peso no coração. Tom, amuado, sentou-se a um canto e exaltou as suas angústias. Tinha perfeita consciência de que a tia estava arrependida e muito era o prazer que tal conhecimento lhe proporcionava. Contudo, não dava sinal de entender o que se passava, fingia não dar por nada. Sabia que, de vez em quando, o fitava com ternura, mas recusava reconhecer o olhar carinhoso. Imaginava-se doente, moribundo; a tia, curvada sobre ele, suplicava-lhe uma palavra de perdão e ele virava-se para a parede e morria sem dizer a palavra. O que sentiria ela nessa ocasião? Seria resgatado do rio, morto a caminho de casa, com os caracóis de cabelo encharcados e o coração ferido em repouso eterno. Como ela se lançaria sobre ele, e como as suas lágrimas cairiam como chuva, como os seus lábios

rezariam a Deus pedindo que lhe restituísse o seu menino sob a promessa de nunca mais o maltratar! Mas ele continuaria frio e pálido, completamente imóvel, uma pobre vítima cujos desgostos tinham chegado ao fim. Entregou-se com tamanha satisfação a estes sonhos, que, de maneira a não se engasgar, tinha de engolir constantemente. Os olhos enchiam-se-lhe de lágrimas que transbordavam cada vez que pestanejava e lhe escorriam até à ponta do nariz. Era-lhe tão gratificante encorajar as suas angústias, que não podia aceitar, sequer, a possibilidade de uma alegria se intrometer entre elas. Tratava-se de um sentimento demasiado sagrado para suportar um qualquer contacto, por isso, quando, passado algum tempo, a sua prima Mary surgiu na sala a dançar, cheia de vida e alegria ao regressar a casa após uma semana de ausência que mais se assemelhara a um século de distância, levantou-se e arrastou consigo nuvens e trevas ao sair pela porta ao mesmo tempo que ela entrava pela outra porta envolta em música e luz.

Deambulou por sítios muito diferentes dos habitualmente frequentados pelos rapazes e procurou lugares desolados, em consonância com o seu estado de espírito. Uma jangada no rio pareceu-lhe convidativa. Sentou-se na sua borda e contemplou a vastidão assustadora do curso de água. Desejou afogar-se nesse momento, inconscientemente e sem conseguir suportar a rotina terrível imposta pela natureza. Lembrou-se da sua flor. Tirou-a do bolso, murcha e espalmada, o que só aumentou a sua felicidade lúgubre. Gostaria de saber se, quando a informassem da sua morte, ela teria pena dele. Choraria e lamentaria não poder enlaçar-lhe o

pescoço com os braços para o confortar? Ou afastar-se-ia friamente como todas as outras pessoas do mundo oco, vazio de sentido? Esta imagem proporcionou-lhe um sofrimento tão agradável, que a ponderou sob várias perspectivas e por longo tempo, até finalmente a desgastar por completo. Então, levantou-se com um suspiro e partiu imerso na escuridão.

Perto das nove e meia ou dez horas, chegou à rua onde morava a desconhecida sua amada e aí parou um instante. Não se ouvia um único som, mas entrevia-se uma luz atrás da cortina de uma janela no primeiro andar. Estaria ali aquele ser divino? Trepou a cerca, saltou para o jardim e caminhou por entre as flores até estacar debaixo da janela. Comovido, olhou para cima durante muito tempo e, por fim, estendeu-se no chão. Deitou-se de costas e pôs as mãos sobre o peito enquanto segurava a pobre florzinha murcha. Assim morreria no mundo frio, sem um abrigo sobre a cabeça, sem uma mão amiga que lhe limpasse da frente os suores da morte, sem um rosto repleto de compaixão que dele se acercasse aquando do último suspiro. E assim, à luz clara da manhã, *ela* vê-lo-ia ao espreitar pela janela e, oh!, deixaria cair uma pequena lágrima sobre o seu pobre corpo inerte e soluçaria ao ver a sua vida tão brutalmente perdida, tão prematuramente ceifada?

A janela abriu-se: a voz desagradável de uma criada conspurcou o silêncio da noite e águas diluvianas encharcaram o cadáver do mártir!

O herói levantou-se com um resmungo. Ouviu-se um som semelhante ao de um projétil que cruzasse o ar, misturado com um palavrão murmurado, logo seguido de um tinir de

vidros, e um vulto, pequeno e difuso, saltou por cima da cerca e desapareceu nas trevas.

Pouco depois, quando Tom, já despido para se deitar, revistava as roupas encharcadas à luz de um coto de vela, Sid acordou, mas, se lhe passara pela cabeça «fazer alusões» ao que sucedera, depressa desistiu, porque pressentiu o perigo no olhar de Tom.

Este deitou-se sem se preocupar com orações, que só o embaraçariam, e Sid anotou mentalmente a omissão.

Uma obra fascinante com uma personagem principal inesquecível.

Tom Sawyer é um menino órfão, que vive com a sua tia Polly em St. Petersburg, Missouri. Reguila e destemido, está sempre a fazer gazeta, trocando a escola pelas margens do Mississípi, onde adora pescar, nadar e brincar aos piratas.

As aventuras mirabolantes vividas por Tom e seus companheiros, Huckleberry Finn e Joe Harper, são relatadas com um humor e realismo inigualáveis. Desde o feitiço do gato morto à alucinante caça ao tesouro, são inúmeras as passagens que denotam a grandeza da escrita e da imaginação de Mark Twain.

A par da dureza do rescaldo da guerra civil e da escravatura, Mark Twain conseguiu recriar uma memória feliz da idade da inocência.

«Mark Twain criou, com Tom Sawyer, uma personagem simultaneamente astuta e inocente, trapaceira, mas bondosa, que mantém, até hoje, o seu poder de sedução.»

in Introdução de João Reis

A **Coleção Tesouros da Literatura**, da qual este livro faz parte, oferece uma cuidada seleção de obras fundamentais da Literatura Universal, muitas das quais são recomendadas pelas **Metas Curriculares de Português** e pelo **Plano Nacional de Leitura**.



 <p>20 20 editora</p>	<p>ISBN 978-989-707-566-7</p> <p>12+</p>  <p>9 789897 075667</p> <p>Literatura Juvenil</p>
--	---